



CAPPELLI

E-mail: paulo.cappelli@correiodamanha.net.br

com Lucas Gayoso

Instagram: @jornalistapaulocappelli

Lula quer embate com Trump como plataforma eleitoral

■ Lula decidiu jogar lenha na fogueira na crise diplomática com os Estados Unidos e vê no confronto com Donald Trump uma oportunidade de fortalecer sua posição nas eleições de 2026. Segundo apurou a coluna com fontes do Palácio do Planalto, a estratégia do governo é transformar a defesa da soberania nacional em um dos principais eixos da campanha à reeleição.

■ A avaliação feita por auxiliares presidenciais é que o momento de maior recuperação política do governo ocorreu no ano passado, quando Lula reagiu ao chamado “tarifaço” anunciado pela Casa Branca. Na leitura do núcleo político do petista, a postura de embate diante das medidas adotadas pelos Estados Unidos teve boa receptividade junto ao eleitorado e contribuiu para melhorar a imagem do presidente em meio às dificuldades enfrentadas pela administração federal.

■ Agora, integrantes do governo acreditam que o novo episódio envolvendo autoridades norte-americanas pode produzir efeito semelhante. O



DANIEL TOROK/THE WHITE HOUSE

Postura de Lula com relação a Donald Trump favorece imagem do brasileiro

Brasil impediu a entrada de Samuel Samson, subsecretário de Estado dos EUA, e Riley Barnes, secretário assis-

considera tentativas de pressão externa sobre assuntos internos do país.

■ A desconfiança do Planalto é que a

visita de Samson e Barnes pudesse ter motivações políticas e acabasse sendo utilizada para influenciar o ambiente eleitoral brasileiro.

■ Autoridades norte-americanas, contudo, negaram à coluna que esse fosse o objetivo da viagem. Segundo integrantes do governo dos Estados Unidos ouvidos pela reportagem, a missão não tinha qualquer propósito de interferir no processo eleitoral brasileiro.

■ Nos bastidores, auxiliares de Lula avaliam que a polarização com Trump tende a reforçar a narrativa de defesa da democracia e da soberania nacional, discurso que deverá ocupar espaço central na estratégia eleitoral petista. A expectativa é que novos episódios de atrito entre Brasília e Washington mantenham esse debate em evidência ao longo dos próximos meses.

Flávio Bolsonaro reage

■ A oposição, porém, vê a movimentação de forma diferente. Em recente entrevista à coluna, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) classificou a postura do governo brasileiro como a de um “anão diplomático”.

■ Para o parlamentar, a posição do Planalto amplia o desgaste internacional do Brasil e agrava a crise com os Estados Unidos, que poderia ser conduzida por meio do diálogo diplomático.

IANGUIÊ DINIZ

Diretor-presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior; secretário-executivo do Brasil Educação - Fórum Brasileiro da Educação Particular; fundador, controlador e presidente do conselho de administração do grupo Ser Educacional; presidente do Instituto Êxito de Empreendedorismo, da JD Business Academy e da Mentor Capital Group

Urna não é arquibancada

Em ano de Copa do Mundo e de eleições presidenciais, é inevitável que dois dos temas mais comentados pelos brasileiros ocupem espaço nas conversas, nas redes sociais e nos meios de comunicação. Embora ambos despertem interesse coletivo e mobilizem milhões de pessoas, existe uma diferença fundamental entre eles: enquanto o futebol é movido pela paixão, pela emoção e pela torcida, a política deveria ser guiada pela razão, pela análise e pela responsabilidade.

Torcer por uma seleção é um exercício legítimo de emoção. O futebol faz parte da cultura brasileira e desperta sentimentos intensos de pertencimento, identidade e entusiasmo. Durante uma Copa do Mundo, é natural que as pessoas defendam seu time, celebrem vitórias, lamentem derrotas e vivam intensamente cada partida. Nesse contexto, a paixão faz parte do espetáculo. Já as eleições seguem uma lógica completamente diferente. Quando um cidadão escolhe um presidente, um governador, um senador ou um deputado, não está escolhendo um time para torcer durante uma temporada. Está ajudando a definir os rumos do país, da economia, da educação, da saúde, da segurança pública e de inúmeras outras áreas que impactam diretamente a vida de milhões de pessoas.

Apesar disso, o que se observa cada vez mais é uma espécie de “futebolização” da política. Candidatos passam a ser tratados como ídolos intocáveis. Adversários são vistos como inimigos. O debate de ideias dá lugar aos confrontos emocionais. A análise racional é substituída por slogans,

memes e ataques pessoais. Em vez de eleitores, surgem torcedores. Essa transformação é preocupante porque o fanatismo raramente convive bem com o pensamento crítico. O torcedor costuma defender seu time independentemente do desempenho em campo. O eleitor, por outro lado, deveria ser capaz de avaliar, questionar, concordar em alguns pontos e discordar em outros. A democracia saudável depende justamente dessa capacidade de reflexão.

Quando a política se transforma em torcida organizada, perde-se algo essencial: a disposição para ouvir. O diálogo se torna impossível. Cada grupo passa a consumir apenas informações que confirmam suas próprias crenças. O adversário deixa de ser alguém que pensa diferente e passa a ser tratado como alguém que precisa ser derrotado a qualquer custo. Esse comportamento enfraquece o debate público e empobrece a democracia. Afinal, nenhum candidato é perfeito, assim como nenhum projeto político está livre de falhas. A maturidade democrática exige reconhecer virtudes e limitações em todos os lados. Exige compreender que governantes são servidores públicos, não celebridades ou líderes infalíveis.

Por isso, uma eleição presidencial exige um nível de responsabilidade muito maior do que uma simples preferência emocional. Antes de votar, é importante analisar a trajetória dos candidatos, sua experiência administrativa, sua capacidade de liderança, suas propostas, suas equipes e sua visão para o futuro do país. É preciso observar o histórico de realizações, a coerência entre discurso e prática e a viabilidade das promessas apresentadas.

Mais do que escolher uma pessoa, o eleitor escolhe um projeto de poder e uma direção para a nação. Cada candidatura representa prioridades diferentes, estratégias distintas e formas particulares de enfrentar os desafios nacio-

nais. Algumas propostas podem privilegiar determinadas áreas; outras podem adotar caminhos alternativos. Cabe ao cidadão avaliar essas diferenças com atenção e decidir, de forma consciente, qual projeto considera mais adequado para o futuro do país. A boa política não nasce da paixão cega, mas da participação consciente. Ela exige informação, reflexão e disposição para analisar fatos. Isso não significa abandonar convicções ou valores pessoais. Pelo contrário. Significa fundamentar essas convicções em argumentos sólidos e em uma avaliação responsável da realidade.

Também é importante compreender que o resultado de uma eleição não encerra a responsabilidade do cidadão. A democracia não termina na urna. Governantes devem ser acompanhados, fiscalizados e cobrados durante todo o mandato. Quem vota de forma consciente também exerce cidadania de forma contínua.

Em tempos de polarização intensa, talvez seja necessário resgatar uma verdade simples: candidatos não são times de futebol. Eles não precisam de torcedores incondicionais. Precisam de cidadãos atentos, críticos e participativos. O Brasil não ganha quando um lado humilha o outro. Ganha quando a população faz escolhas informadas e mantém a capacidade de diálogo, mesmo diante das divergências.

Neste ano em que Copa do Mundo e eleições dividem as atenções dos brasileiros, vale lembrar que a arquibancada é o lugar da paixão. A cabine de votação, por sua vez, deve ser o espaço da consciência. Porque, enquanto um resultado esportivo produz alegrias ou frustrações passageiras, uma eleição tem o poder de influenciar o destino de uma nação por muitos anos. E o futuro de um país é importante demais para ser decidido como se fosse uma partida de futebol.